

A VIOLÊNCIA NA ESCOLA: AÇÕES PEDAGÓGICAS

Maria de Socorro Tavares de Freitas¹
Roseli Aparecida da Silva²
Santa Jesuina de Faria³
ros-eli-s@hotmail.com

RESUMO

Com a pretensão de contribuir com a educação de qualidade e ao combate à "violência na escola", influenciando no intelecto dos cidadãos que estão em processo de formação social, objetivou-se que os alunos desenvolvessem noções de solidariedade, reconhecessem a importância do respeito mútuo e questionassem os aspectos negativos do comportamento humano diante dos fatos em que convivem cotidianamente. Preocupados com essa situação complexa, foi desenvolvida uma pesquisa sobre o índice de violência na Escola Estadual Padre José de Anchieta, no ano 2010, através do qual levou a desenvolver esse trabalho, tendo como fonte de pesquisa alguns autores como Nilo Odália e Dermeval Saviani.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Comportamento, Educação.

I. Introdução

Pelo fato de a escola ser uma unidade de ensino, formada pelos educadores, diretor e alunos, ali deveria haver somente a paz. Porém, devido às diferentes concepções de vida e modos de pensar e de agir de cada indivíduo, surgem as divergências e os conflitos que acabam muitas vezes em violência. É aí que surge a necessidade de se desenvolver um projeto que sensibilize os alunos a refletirem sobre a violência no ambiente escolar. Sendo assim, professores e alunos, pensando na segurança da comunidade escolar, realizaram uma coleta de dados através de questionários, envolvendo a família de cada aluno, para constatar as causas e conseqüências do alto índice de violência escolar.

O processo de recuperação das escolas se dá quando os educadores e a comunidade se unem para pressionar o governo por um ambiente mais tranquilo para que possa ocorrer um desempenho melhor no âmbito escolar.

1 Professora da E.E.Pe. José de Anchieta, pós-graduada em Educação Ambiental.

2 Professora da E.E.Pe. José de Anchieta, pós-graduada no Ensino da História.

3 Professora da E.E.Pe. José de Anchieta, pós-graduada em Planejamento Educacional.

Fundamentado na leitura de Odalia (1983), há muitos anos, desde o início do cinema, tem havido uma ênfase ao tema da violência e a banalização da morte, fazendo com que tudo isso se transformasse num fato sem importância. É evidente que atos violentos praticados com inacreditável frieza criem nas pessoas que assistem a uma tendência, a justificar e admitir como normais tais atrocidades.

Nesses últimos tempos, temos observado, principalmente pelos meios de comunicação, o quanto os índices de violência aumentaram, principalmente no estabelecimento escolar, que em outros tempos era um local, onde o padrão de respeito imperava, todavia por volta da década de 90, surgem os primeiros atos violentos em que alunos conceituados como “maus elementos”, praticavam alguns atos infratores. Só que não a ponto de levarem armas de fogo e saírem matando os colegas como recentemente aconteceu no dia 07 de abril do corrente ano, no período matutino, na Escola Municipal Tasso Silveira, no bairro Realengo, Estado do Rio de Janeiro, que simplesmente por um ato de crueldade de um jovem por nome de Wellington de Oliveira, o qual já fora discente da referida escola e na mesma sofreu bullying, que refletiu justamente nesse ato cruel resultando na morte de 12 (doze) inocentes crianças.

Com a substituição do amor fraterno, o amor à vida, como o valor fundamental do homem nas relações socioeconômicas pelos valores da sociedade materialista de consumo, permissiva e corrupta, nos quais o que importa é o poder a qualquer preço e com isso aumenta a criminalidade, da pornografia erigida em valor e arte, da violência, da repressão defendida como forma eficaz de defesa contra o crime, da permissividade sexual, da fome e da miséria de milhões de brasileiros, nos tornam reféns da criminalidade, por falta de uma política que priorize a cultura, a capacitação de nosso povo, mas principalmente devido a insuportável tolerância à corrupção e impunidade.

2. CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

[...] A chegada do homem europeu a estas terras já se deu com atos de violência. Isto os nossos irmãos indígenas sabem muito bem. Aqui o homem branco civilizado chega com essa atitude. Por muitíssimos anos se cultivou o escravagismo. Foi a última nação do mundo onde se aboliu a escravatura. Portanto, nós temos aqui uma tradição de violência e desrespeito à pessoa humana, que foi o índio, depois o negro e hoje seguimos com uma civilização que ainda não resolveu os seus problemas (KRISCKE, 1997, p.13).

Como se percebe na citação acima, a violação dos direitos humanos é constante, não só no Brasil, mas um abuso que nos chega através da mídia a cada manhã, e essa violação não foge à regra imposta pela colonização deste país. Apesar de existirem ações isoladas de combate à violência em diferentes setores da sociedade, estas acabam muitas vezes não tendo a continuidade necessária e efetiva. Assim é preciso que a escola promova ações de cidadania para construção de uma sociedade justa, a fim de superar as formas de violência.

O que deve ser feito primeiramente para enfrentar a violência na escola é verificar a carência e as necessidades ali existentes, pois todos os espaços da escola são educativos, em qualquer um deles pode-se fazer algo de criativo.

O ritmo da violência na escola está cada vez mais acelerado, com isso, os que mais sofrem com a ameaça são os professores e diretores, pois quando acontece algum tipo de violência no espaço escolar, os educadores se intimidam por medo dos agressores se vingarem, muitos deles não denunciam pelo medo que os mesmos façam coisas piores.

Não é de se admitir que isso aconteça, no entanto, existem inúmeros adolescentes e jovens que não pensam em seu futuro. Por outro lado, Odalia (1986) afirma que, a violência da desigualdade existe não pelo fato de o homem optar por ela e também não por ser uma naturalidade, apesar de ser um absurdo dizer que a violência é natural, mas na realidade ela existe em condições históricas que serão eternas, por isso a violência será eterna.

Enquanto o ser humano acreditar que os seus direitos são inúmeros e serão por toda eternidade, lembrando-se de que enquanto existir a humanidade, existirão os direitos humanos e o homem abusa desses direitos, e sem cumprir todos os seus deveres, acaba infringindo nos direitos e na liberdade do próximo, o que transforma-se em violência. A autora também diz que, toda violência é social, independente do lugar ou de quem a provoca, levando em consideração que sociedades diferentes têm violências e atitudes diferentes. Sensibilizar e conscientizar quanto à necessidade de lutar contra a violência é função que a escola pode e deve assumir juntamente com a sociedade, buscando meios de prevenção para que a população sintam-se segura. Os governantes deveriam interessar-se em desarmar a mesma e controlar o comércio legal e ilegal de armas, agir no controle do contrabando, lembrando que somente a educação e melhores condições de vida da população e uma política voltada para a igualdade social é que garantirão uma sociedade mais justa e segura.

É do conhecimento de todos que a escola reproduz representações do mundo que visam obter o consenso em torno de interesses sociais hegemônicos na sociedade. Os hábitos criados por ela têm a característica de serem comuns partilháveis pela maioria. Seu objetivo é criar normas que devem ser obedecidas, além de que toda norma educativa visa à universalização, implicando na valorização consciente, intencional e deliberada de tudo o que os indivíduos possam ter em comum.

Uma das principais queixas, atualmente, apontadas por educadores dizem respeito à violência. Nos centros urbanos, algumas se encontram situadas em áreas de forte presença de grupos organizados, das gangues ao narcotráfico que são por eles sitiadas. Para esses grupos organizados, muitas vezes o controle sobre a escola se torna uma questão estratégica, ela também se vê atingida pela violência difusa, a qual é praticada, por indivíduos isolados, que imperem em outros lugares. Segundo meios de comunicação, alunos e professores são agredidos nas imediações das escolas, alunos armados que ferem ou matam, acidentalmente ou não, seus colegas como exemplo citado. Esses atos fazem com que a escola torne-se incapaz para combater toda essa

violência, e consiste no desenvolvimento de estratégias que garantem as condições necessárias para o trabalho escolar.

Violência é a expressão que designa o fenômeno social de comportamento deliberadamente transgressor e agressivo, apresentado pelo conjunto dos cidadãos ou por parte deles, nos limites do espaço urbano. A violência escolar tem aspectos que a diferenciam de outros tipos de ação violenta praticados por pessoas ou por grupos e se desencadeia em consequência das condições de vida e convívio no espaço urbano. Suas manifestações mais evidentes são os altos índices de criminalidade grave; a mais constante é a infração dos mais elementares códigos de conduta civilizada.

Fenômeno disseminado em todas as grandes cidades, a violência é determinada localmente por valores sociais, culturais, econômicos, políticos e morais de uma sociedade. Com a uniformização dos comportamentos típicos do século XX, no entanto, ela incorpora modelos copiados dos países de maior influência na esfera internacional. As populações de países subdesenvolvidos, por exemplo, aprendem e produzem, muitas vezes com pequenas modificações, padrões culturais de procedimento violento, como a formação de gangues de rua, a pichação de paredes e a expressão artística que tem a violência como tema. As manifestações mais extremadas ocorrem em sociedades nas quais há uma tradição cultural de violência e profundas divisões raciais, sociais e econômicas.

A violência é grande em países em que funcionam mal os mecanismos de controle social, político e jurídico pelo estado, que detém o monopólio do exercício legítimo da coerção. Em países como o Brasil, de instituições frágeis, profundas desigualdades econômicas de classe, de uma tradição cultural de violência, a realidade do cotidiano dos habitantes das grandes cidades é violenta. São frequentes os comportamentos criminosos graves, como assassinatos, linchamentos, assaltos, tráfico de drogas, tiroteios entre quadrilhas rivais e corrupção, além do desrespeito sistemático às normas de conduta social estabelecidas pelos códigos legais ou pelos costumes.

Uma das causas do crescimento da violência urbana no Brasil é a aceitação social de ruptura constante das normas jurídicas e o desrespeito à nação. A sociedade admite passivamente tanto a violência dos agentes do estado contra as pessoas mais pobres quanto o compromisso do indivíduo. Fica impune a prática da tortura pela polícia como método de investigação; a ocupação de espaços públicos por camelôs e donos de carros; as infrações de trânsito; a incompetência administrativa; a imperícia profissional; a negligência causadora de acidentes e o desrespeito ao consumidor. Entre os cidadãos habituados a esses comportamentos, encontram eco às formas violentas de fazer justiça, como a pena de morte, e mesmo o fuzilamento sumário, linchamentos e castigos físicos. É frequente a aprovação popular da punição violenta sem julgamento, especialmente se entre as vítimas encontram-se presidiários ou ativistas políticos.

Toda violência de estrutura socioeconômica, desigual e injusta, em que vive uma grande parte da população, caracteriza a sua experiência de violência fundamental. Esta violência é naturalizada como alguma coisa que sempre existiu e não há condições de mudar, privilegiando as camadas dominantes, negando aos pobres e miseráveis os direitos mais elementares e necessários à sobrevivência. A frágil expectativa de ascensão social aliada à promessa de retorno financeiro fácil e a visão de elevação do status social dada por certos grupos ligados a atividades ilegais, principalmente o tráfico de drogas, induzem as pessoas a uma escolha que reproduz e incrementa a violência.

Muitas pessoas culpam os meios de comunicação por propagar e incentivar a violência no mundo, sendo a TV a principal acusada deste malefício à sociedade. Por exemplo, "se eu passo a perceber (pela TV) esta carga de violência em doses maciças, como vou me comportar, principalmente quando tenho algum tipo de dificuldade de relacionamento?" (KRISCKE, 1997, p. 13)

Tanto a televisão, quanto os jornais sensacionalistas mostram violências desnecessárias. Mas nada atinge mais as pessoas do que a TV, que entra nos lares, porque ela não só descreve fatos e sim mostra imagens em cores reais. É evidente que a repetição não só de atos violentos, mas o que é pior, praticados com inacreditável frieza, cria nas pessoas que a assistem, uma

tendência a justificar e admitir como normais tais atrocidades. Os filmes modernos levaram o assunto violência ao extremo, mostrando corpos metralhados e ensangüentados, levando as pessoas a esquecerem o drama da morte, agindo friamente antes e depois de praticarem tal ato.

O crescimento da criminalidade violenta, geralmente, tem como fonte principalmente a miséria social que abrange aproximadamente 25 milhões de pessoas carentes, a violência policial, a descrença na justiça, a violência nos meios de comunicação de modo especial na televisão, a dissolução da família, o homossexualismo estimulado, tudo isso entre outros aspectos nos levam a constatar grandes problemas sociais, atingindo não só o Brasil como também as nações subdesenvolvidas e as desenvolvidas.

Não resolverá o problema determinando pena de prisão ou fazendo outras brutalidades como as realizadas por policiais nas ruas, não irá reduzir o índice de criminalidades, mas sim alterar a estrutura socioeconômica brasileira, pois esta é a principal causa da violência. Toda violência é institucionalizada independente de ser explícita ou implícita de algo que é obtido através de força, é visto como algo natural, dando a impressão de que geralmente as relações são impostas e não equilibradas.

A sociedade não vem a ser uma criação natural. Houve uma mudança proposital na sociedade, onde o homem deu um salto que através do qual pode criar condições de vida afetando não só a si mesmo, como também a própria natureza. O homem vive em sociedade por ser um ser social, isto é, que depende de outras pessoas, e por ser um animal racional que tem respeito mútuo, também auxiliará o seu próximo, ou seja, a sociedade, fazendo assim um trabalho coletivo.

Viver em sociedade não é só organizar sua vida ou ajudar ao próximo, como também criar normas e discriminações, pois assim saberá o que lhe é permitido e o que lhe é proibido. Se analisada a historicidade de um conjunto de leis, pode-se verificar que é uma forma clara de inserir a violência na instituição, esta é uma forma de fazer com que as normas jurídicas se elevem e tenham valor.

A Lei Federal n.º 9.455, de 07 de abril de 1997, em seu artigo 1º nos incisos I e II, esclarece em relação aos crimes de tortura que: "constranger um

indivíduo com trabalho de violência que lhe prejudicará física ou mentalmente, como provocar ação ou omissão de natureza criminosa; submeter alguém em sua guarda ou poder como forma de castigo pessoal. Para este crime a Lei estabelece pena de 02 a 08 anos".

Analisando de todas as formas a escola e cada sala de aula, não deixam de ser uma família também, porque em todos os momentos, seja no ambiente escolar ou fora da sala, os alunos devem ser colegas, respeitando uns aos outros, inclusive primeiramente deve-se respeitar para ser respeitado. É necessário ter consciência de que não deve levar na bolsa: armas, objetos de corte que até ele próprio pode se ferir, até porque num momento de nervosismo e discussão, quem estiver armado poderá cometer atos violentos. Ao invés de levar armas, seria melhor que levassem material escolar e material para fazer trabalhos criativos.

A inserção da violência no cotidiano de reflexo da escola e na orientação aos pais, alunos e comunidade, é uma contribuição importante da escola para prevenção. Atitudes concretas como a melhoria da qualidade de ensino, da relação interpessoal entre professores e alunos, da integração e atenção da escola na família são aspectos relevantes que podem prevenir a violência no âmbito escolar e familiar. Embora os alunos não nomeiem a violência na escola, não podem deixar de conceber as deficiências do sistema educacional como prova da violência estrutural, que não oferece para grande parte da população infra-estrutura adequada, nem qualidade de ensino digna. Por outro lado, o professor também é vítima e agente dessa engrenagem em que a violência se manifesta e reproduz.

No que diz respeito à estrutura material de algumas escolas é muito precária, principalmente nas localidades mais carentes. São de difícil acesso, possuem turnos reduzidos e turmas cheias, apresentam elevada evasão e distorção série/idade, faltam materiais de uso diário, as dependências e mobiliário não tem manutenção e apresentam grande lacuna no quadro de pessoal. Este quadro de escassez se associa à situação dos profissionais que nela se inserem os quais recebem baixos salários e se submetem à condições indignas de trabalho.

Com base na pesquisa realizada na Escola Estadual Padre José de Anchieta, na cidade de Mirassol d'Oeste - MT, podemos constatar que os atos violentos ocorridos nas escolas nem sempre são iniciados dentro da mesma, existem vários fatores que geram esses atos, como em muitas famílias, os filhos não combinam com os pais, e devido a isso, discutem, dizem palavrões, partindo até para agressão e esses filhos vão à escola com essa mágoa ou raiva, e querendo descontar, acaba agredindo o colega.

A família é uma instituição que faz parte da sociedade, e é difícil identificar a violência, pois qualquer indivíduo da família não acredita que os pais ou os filhos possam ter reações drásticas. A violência nas famílias se expressa de várias formas, e a mais fácil de ser constatada é o abuso físico, caracterizado por espancamentos, deixando lesões leves ou graves, às vezes chegando à morte. Uma das maiores dificuldades para encarar a questão da violência da família, é que as próprias vítimas consideram as agressões como normais, pois pensam que estes atos fazem parte do instinto familiar.

Na pesquisa realizada na escola citada observa-se que a agressão física é maior nas famílias que tem baixa escolaridade, e devido a isso não conseguem um bom trabalho e obviamente não obtêm um bom salário, e como conseqüência a carência de produtos alimentícios, a falta de assistência médica, entre outros problemas geram atos agressivos. Por outro lado, pesquisas mostram que tanto entre pais universitários, quanto naqueles sem escolaridade, existem índices altos de violência sobre os filhos.

Enfrentar a violência é responsabilidade de todos e essa é um elemento essencial no processo de luta por uma sociedade mais sadia. A escola, atualmente, necessita motivar-se para prevenir a violência principalmente àquela cometida no ambiente familiar. Se a sociedade conseguir dialogar entre si, internalizando a noção de que a violência não é só do outro, mas também nossa, poderá finalmente contribuir para um novo momento, em que se enfrente comprometidamente o problema, buscando em conjunto a prevenção da violência. Porém pensar numa escola diferente implicaria também em pensar numa sociedade diferente, na qual o amor fosse o maior vínculo e a liberdade, a única lei.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos um paralelo entre a realidade e a ficção, fazendo com que os cidadãos pensem nas conseqüências que podem causar um ato violento por menor que seja; como também a influência dos meios de comunicação nas crianças e nos adolescentes, pois acabam estimulando-os a cometerem atos impensáveis e impulsivos, isto ocorre de acordo com a realidade que o indivíduo está vivenciando, num momento de fragilidade e inconsciência.

A violência é identificada através de indicações de alunos, que levam o educador a suspeitar do problema. E nesse caso, este deve conversar com o aluno de forma tranquila e respeitosa, evitando culpar o aluno. O educador comunica a direção da escola sobre o fato, e esta encaminha o aluno ao conselho ou outra entidade indicada.

A violência será vencida quando a sociedade organizada de forma que as diferenças entre os homens sejam cada vez mais extinta. É a lógica que encerra um caminho a percorrer, e quando percorrido até revelar ao homem civilizado, que seu pecado original não foi comer uma fruta, mas sim por ter tido um passado.

A preocupação básica da educação é aparentemente a aprendizagem de conteúdos, porém na realidade os educadores estão desenvolvendo a função de controlar o comportamento do aluno. A burocracia escolar cria indivíduos habituados à obediência de ordem. Os que escapam são rotulados de marginais e sofrem os castigos. Observando a realidade nas escolas, podem-se levantar diferentes hipóteses e estabelecer diferentes relações tomando como ponto de partida e referencial à própria experiência da vida dos alunos.

É possível constatar que a violência escolar está ligada à violência cotidiana do ser humano restabelecendo ligação com o passado e ao mesmo tempo ocorrendo freqüentemente, cada vez mais acentuada sobre a relação entre os indivíduos e a sociedade.

4. Referências

Almanaque Abril. Guia da Cidadania. Direitos do Cidadão. Acordos Internacionais. 27 ed., São Paulo: Abril, 2001, p. 35-8.

Almanaque Abril. Segurança Pública Criminalidade. 27 ed., São Paulo: Abril, 2001, p. 67-70.

ODALIA, Nilo. O que é violência ? 1 ed., São Paulo: Brasiliense. 1983, (Coleção Primeiros Passos; vol. 85.)

SAVIANI, Dermeval. As teorias da educação e o problema da marginalidade. In: Escola e democracia. São Paulo: Cortez, 1983, p. 7-39.

Observação: As duas primeiras bibliografias não contêm autores, é uma publicação própria da Editora Abril.